



ISSN: 2595-5713

Vol. 01 | Nº. 02 | Ano 2018

Paulo Gomes Vaz
Maria Gabriela Hita

CIRCUITO DE MERCADORIAS E IDENTIDADES AFRICANAS EM MOVIMENTO: REPRODUÇÃO SOCIAL DAS MULHERES ANGOLANAS E GUINEENSES NO COMERCIO RETALHISTA ÁFRICA- BRASIL- CHINA E SUDESTE ASIÁTICO

**Circuit of merchandise and movement identities: social reproduction of
angolan and guinean women in the retail trade Africa-Brazil-China and
South-East Asia**

Resumo: O presente estudo oferece uma perspectiva atual de um lado pouco falado no mundo do trabalho contemporâneo, ao assumir o desafio de estudar as chamadas “sacoleiras” angolanas e guineenses que se deslocam a São Paulo e para demais mercados internacionais tais como: Singapura, Guangzhou, Dubai, Tailândia para comprarem artigos de consumo a serem revendidos em seus países. Entendeu-se que esta modalidade de trabalho consiste num circuito inferior da economia urbana que se constitui como um dos modos antigos de ser da informalidade, e por conta disso não pode ser tratado como um fenômeno deslocado, a-histórico. Pelo contrário, se trata de uma realidade que tem sido alternativa de reprodução social de milhares de pessoas ao redor do mundo. Por isso está inserida na história, a partir de um processo de interação entre o trabalho formal e informal. A metodologia utilizada para coleta de dados no campo baseou-se no questionário aplicado às sacoleiras, buscando explorar as narrativas de suas experiências de comprar mercadorias nos mercados internacionais, para depois abastecerem os produtos comprados no guarnecimento de suas lojas e/ou fazer o negócio à *pronta-entrega*.

Palavras-Chave: Trabalho informal; Mulheres Africanas Sacoleiras; Globalização e Pequenos Circuitos da Economia.

Abstract: The present study offers a current perspective of a little talked about side in the world of contemporary work, as it takes on the challenge of studying the so-called Angolan and Guinean bagtraders that move to São Paulo and to other international markets such as Singapore, Dubai, Thailand to buy consumer goods to be resold in their countries. It was understood that this modality of work consists of a lower circuit of the urban economy that constitutes one of the old ways of being of informality, and because of this it can not be treated as a dislocated, a-historical phenomenon. On the contrary, it is a reality that has been an alternative social reproduction of thousands of people around the world. This is why it is inserted in history, starting from a process of interaction between formal and informal work. The methodology used for data collection in the field was based on the questionnaire about the bagtraders, seeking to explore the narratives of their experiences of buying merchandise in the international markets, later to supply the products bought in the furnishing of their stores and / or do the business to the prompt delivery.

Keywords: Informal work; African Women; Bagtraders; Globalization and Small Economy Circuits.

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

CIRCUITO DE MERCADORIAS E IDENTIDADES AFRICANAS EM MOVIMENTO: REPRODUÇÃO SOCIAL DAS MULHERES ANGOLANAS E GUINEENSES NO COMERCIO RETALHISTA ÁFRICA- BRASIL- CHINA E SUDESTE ASIÁTICO

Paulo Gomes Vaz¹
Maria Gabriela Hita²

Neste artigo, resultado de pesquisa doutoral de Paulo Gomez Vaz (2018) sobre “sacoleiras” transnacionais africanas, e que assim foram denominadas por tratar-se de mulheres de nacionalidade africana que se locomovem numa rota comercial global que conecta a África ao Brasil e este à África novamente, visamos explorar algumas das características mais visíveis desta “*nova classe*” que atua em modalidade de trabalho informal na atual sociedade globalizada. Ao usar essa terminologia nativa (êmica), associada ao modo como tais mulheres são denominadas e reconhecidas por diversidade de atores com os que se cruzam, se intenciona associá-la também à ideia da emergência de um novo tipo de trabalho informal numa era de globalização atual. Sinônimos desse termo igualmente usados na pesquisa de Vaz (2018) foram os de “empreendedoras”, e o de “turistas compradoras” e “pequenas empresárias”.

Nesse estudo partiu-se da hipótese inicial da importante função exercida por este tipo de atividade para o capitalismo. Mesmo quando algumas dessas mulheres africanas podem ser caracterizadas como “pequenas empresárias”, “empreendedoras individuais”, e revendedoras em cadeias globais de produtos e mercadorias capitalistas, para as levar para regiões menos globalizadas como os seus países africanos. Por isso mesmo, se poderia erroneamente pensar serem representantes do capital. Mas, de fato elas não o representam. Pois na cadeia produtiva e de circulação de mercadorias mais ampla, conhecido como global *commodity chains* (GEREFFI, 1994, p. 2001), a posição por elas ocupada não é considerada um elemento característico da superestrutura de cadeia mercadorias. Por outro lado, e guardadas as devidas escalas e diferenças de lucros que possam por elas ser obtidos, o que esta pesquisa observou é que a maioria destas mulheres atuam como se fossem uma espécie de “*abelha operária*”. Com seu incansável trabalho e locomoção intermitente e constante entre diferentes regiões do mundo, cruzando fronteiras nacionais e deixando para trás seus lugares de origem e culturas, momentaneamente, na busca incessante

¹ É Cientista Social e Docente do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

² Docente na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

de abastecer suas lojas com novos e diferenciados produtos ou buscando atender demandas de suas clientelas do outro lado do Atlântico.

E ao lançarem mão de estratégias como as da *pronta-entrega* de produtos adquiridos no Brasil, ou em outros mercados mundiais aos que algumas delas também se dirigem, mostrando-os em seus próprios domicílios ou os de sua clientela mais fiel, por considerarem ser o modo mais eficiente de os fazer chegar nas mãos de seus destinatários e consumidores finais, este é também um modo de estarem prestando um serviço ao capital. Desse modo elas estendem o alcance do mercado capitalista e o tornam muito mais acessível aos outros mercados locais africanos, ou a pessoas que de outro modo teriam que pagar muito mais, ou não teriam acesso a muitos desses produtos (tratando-se de uma atividade que atende as necessidades tanto do capitalista quanto a dos consumidores de classe baixa). Por isso, elas (as sacoleiras) terminam também cumprindo essa outra importante função para o capitalismo: a de retroalimentar a economia capitalista, mesmo estando elas (as mulheres) envolvidas com as cosmovisões (visões do mundo) do trabalho que consiste em *modus operandi* das suas economias e na reprodução social local. Uma visão de mundo que não faz distinção de valor entre o trabalho informal e o formal, por se tratar de uma cosmovisão que não dá pesos diferentes sobre os seus sentidos - resultante de um legado da história contemporânea que nos ensina a idolatrar o trabalho intelectual, em detrimento daquele de caráter manual.

Ao buscar traçar principais características e manifestações deste fenômeno, observou-se tratar-se de mulheres muito heterogêneas em sua origem de classe e formação, aspectos raciais e idades. O que as une é o deslocamento de fronteiras para a compra de produtos que serão revendidos em seus países de origem.

Nesses diferentes deslocamentos e rotas transnacionais que elas vão percorrendo, e que as vai confirmando e constituindo como sacoleiras, ampliando horizontes e levando seus mundos consigo, muitas delas precisam conciliar aspectos por vezes conflitantes de suas biografias, a exemplo das tensões vividas por muitas entre suas vidas privadas e públicas, ou transnacionais. Suas experiências como sujeitos locais na África, e delas como estrangeiras e viajantes internacionais em outros países, constituem trânsitos que não são isentos de vários riscos e constrangimentos. Eles ficam vulneráveis a diversas situações, desde os tramites burocráticos em agências transportadoras de mercadorias; controle de excesso de bagagens nos serviços aduaneiros vistoriado nos aeroportos, dentre diversos aspectos. Tudo isso lhes exigem enfrentar e aprender as dicas e jeitos do se “virar” e se “safar” para fazer chegar as mercadorias ao seu destino final; algo das obscuras fronteiras nas quais entram a fiscalização de mercadorias legais e ilegais, ou ilícito, considerando as possibilidades em que elas, as “sacoleiras”, tendem a ser acionadas por amigos e

conhecidos que vivem nessas cidades de trânsito. Copiosamente são acionadas a transportar encomendas dos parentes, amigos e conhecidos para seus países de origens.

Ainda nesses lugares-cidades de compras, elas assumem os riscos de serem assaltadas durante as caminhadas (durante as compras) por serem lugares geralmente abarrotados de compradores que se espremam em micros espaços com demandantes vindos de diversos cantos do globo, contando ainda com a ação dos espertos “*batedores de carteira*” que atuam discretamente furtando os consumidores-turistas nesses lugares de grande aglomeração de pessoas, principalmente na avenida Largo da Concórdia.

Constrangimentos e obstáculos esses com os que precisam aprender a lidar, se mover e ajustar, nesse processo de atravessamento de fronteiras nacionais para o dos destinos almejados. Com o passar dos anos e prática, algumas ficam escoladas e tiram de letra, ou passam a levar consigo parentes ou ainda mulheres mais novas para as ajudar, e também introduzir no ramo do seu negócio, seja como ajudantes ou empregados aos que lhes pagam por vezes apenas a passagem e hospedagem, mas que em outros casos elas vão ensinando o ofício, compartilhando seu *know how* e rede de contatos, e as impulsando a seguirem seus próprios negócios depois.

Na pesquisa realizada partiu-se da concepção marxista de ser o trabalho uma categoria humana revestida de razão prática, e que envolve múltiplas dimensões de modos de trabalho e experiências. Todas as sociedades e épocas existem os “pores” teleológicos (propósitos e fins) para dirigir determinados comportamentos que cumprem a função social para a reprodução social de maneira qualitativamente distinta. Mas, em todas as sociedades existe uma cognitividade social e da objetividade social das formas de pensar o trabalho diante das causalidades evidentes para garantir a reprodução biológica e relações sociais dos indivíduos na sociedade (LUKÁCS, 2013). Essa passagem demonstra a grande contribuição da teoria lukacsiana sobre a categoria trabalho, que refuta as generalizações teleológicas do trabalho. A tese de Vaz (2013) possui concordância com György Lukács (2013), por terem ambos apontado a interdependência de categorias sociais (cultura, razão, linguagem) inerentes ao trabalho. Isto porque toda sociedade tem seus propósitos de dirigir a ação. Partindo desse pressuposto teórico, concluímos que o trabalho se constitui como categoria inerente ao homem, pelo fato de produzir incessantemente o novo. Porém, a cultura é que precede o trabalho, visto que as pessoas se orientam de acordo com suas culturas e suas experiências sociais. Uma realidade que joga por terra a interpretação essencialista do marxismo ortodoxo, que aponta o trabalho como categoria ontológica e central do ser social.

A tese de Vaz (2018) reconhece indubitavelmente a importância do trabalho e sua função em todas as sociedades, mas recusa hierarquizar-lo em escalas evolutivas tanto em relação às manifestações (do trabalho) quanto às outras categorias sociais. E por isso, parte para a perspec-

tiva mais plural que consiste na cosmovisão do ser social inerente as “condições humanas” da filosofia africana, conhecida como a prática do *Ubuntu*.³ Segundo Obenga (2004 apud Ramose 2011, p.16), *Ubuntu* é a categoria ontológica e epistemológica da filosofia africana, no sentido de que na concepção de filosofia de “*ubuntu do mundo*” é que “coisas não têm a fixidez e inflexibilidade que acreditamos que elas tenham. As coisas são mutáveis e em movimento na Terra, no céu, em baixo d’água, etc, Essa filosofia e a prática do *ubuntu* exprime uma visão praticada pelos povos da África, falantes do *Bantu*, relacionada a cosmovisão:

Ele compartilha o caráter de gerundivo⁴— isto é, a ideia de tornar-se, Ser (be-ing) e ser como manifestações do movimento como princípio do Ser- (be-ing)- com os verbos egípcios antigos, *wnn(unen)* “existir”, *d d (djed)* “ser estável”, “durável” e *hpr (kheper)* “tornar-se” (...). Como os antigos verbos egípcios referidos, a concepção filosófica *ubuntu do mundo* é que “Coisas não tem a fixidez e inflexibilidade que acreditamos que elas tenham. As coisas são mutáveis e em movimento na Terra, no céu, em baixo d’água, etc. (OBENGA, 2004 apud RAMOSE, 2011, p.17).

Nota-se que diferente da sociedade ocidental europeia capitalista, cujos aparatos burocráticos estão intrincados à economia de mercado, constituindo assim um elemento paradigmático e universal. Em outras sociedades, à exemplo da sociedade proveniente das sacoleiras, são as tradições vivas, a oralidade, os valores, os comportamentos e as regras dos grupos envolvidos que permeiam as relações entre a economia informal e a sociedade. Esta questão significa afirmar que na visão de mundo das sacoleiras a velha informalidade não se constitui necessariamente como alternativa ao desemprego. Pelo contrário, se configura como atividade central e cósmica, permeada pelas experiências transmitidas geracionalmente em forma de “*habitus*” de trabalho adquirido de pai para filho, a exemplo de artesão, carpinteiro, bideira, sacoleira, pequenos comerciantes autônomos – manifestações de trabalho anterior a economia do mercado. E as pessoas não os empreendem para subsistir “em tempos da crise”, mas para se reproduzir socioeconomicamente de acordo com suas necessidades existenciais, remetendo aquilo que Hannah Arendt, na sua obra “*A condição humana*” (2007), aponta como forma de vida que o homem impõe a si mesmo para sobreviver. Daí o trabalho se constitui como o resultado de um processo cultural, que para Hannah Arendt (2007) as condições variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte. Isso significa que a economia e o trabalho informal são resultantes de uma cultura laboral, que responde a “condição humana”, de acordo com as demandas (necessidades cotidianas) da população que delas dependem. O que significa afirmar que a concepção do trabalho nessas sociedades africanas

³ Conhecido por nomes diferentes em diversos espaços do continente africano, o *ubuntu*, significa a humanidade.

⁴ Particípio do futuro passivo de gerundivo latino; exprime ação que está por se realizar ou que será realizada.

estudadas responde a outra cultura laboral, em se tratando de outro sistema social dotado de maior pluralidade com vistas a conceber a existência humana.

Não se comunga aqui com a ideia de que o trabalho informal, devido aos diferentes avanços da história e tecnologia, foi crescentemente perdendo seu significado e função nas estruturas econômicas mais modernas, mesmo que este seja um indicador de modelos arcaicos e do passado. O que este estudo de caso ilumina, ao contrário do anterior, é como o trabalho informal vem crescendo em importância e adotando novas formas e funções em diversos tecidos sociais nos quais as pessoas se orientam na produção social.

É oportuno ainda destacar dois aspectos centrais que todo este processo e fenômeno das sacoleiras transnacionais africanas está indiscutivelmente atrelado, e que são pilares de discussões de toda sociologia do trabalho. Esses dois elementos ajudam a enquadrar e compreender alguns dos deslocamentos interpretativos dos que se partiu este estudo e aos que finalmente se chegou. O primeiro elemento é sobre o papel e função exercida pela crescente flexibilização das condições laborais resultante de ajustamento estrutural (PAE) implementado pelo Banco mundial e pelo FMI em 1987, assentado na redução do número de servidores públicos, produzindo os efeitos mais significativos no campo do trabalho, além de aumentar a “nova informalidade”⁵ e as condições precárias do trabalho. E o segundo elemento refere-se a “velha informalidade”, no caso, aquelas manifestações de trabalho “arcaicas” e/ou “antigas”, acumuladas de pai ao filho (a), e que sempre esteve presente no meio urbano. Porém, com a industrialização e modernização, essas atividades são tidas como ultrapassadas e atípicas para os padrões do trabalho contemporâneo, mesmo sendo considerados por um número expressivo de grupos de pessoas, ou comunidades com atividades geracionais.

Todavia, não se trata de uma única causa e efeito que possa explicar ou ajudar a compreender o crescimento maciço de sacoleiras nos dois países estudados, porque muitos dos nossos dados de campo apontam que há circunstâncias em que as sacoleiras se inscrevem nessa atividade para complementar a renda, e outras priorizam a qualidade de vida, tais como: flexibilidade de tempos de trabalho, cuidado dos filhos e lazer etc.

-

[...] Comecei a fazer *nha bida* [pequeno comércio], pura necessidade mesmo e hoje ninguém paga as minhas contas. E também [agora] posso me organizar, as minhas viagens pra cá [Brasil] e até mesmo organizar as minhas folgas.

⁵ “Refere-se à redefinição da OIT (2002), que incorpora ao conceito de informalidade a dinâmica do capitalismo globalizado e as transformações da produção e dos mercados de trabalho (...) Incorpora as mudanças relativas à desregulação econômica, à flexibilização das relações de trabalho”. Cf. Lima (2013).

A inserção da Odete no comércio retalhista pode estar condicionada a vários fatores, desde a busca pela melhor qualidade de vida, programar as folgas, viagens, cuidado dos filhos etc. Porém, tudo isso pode ser resultante dos efeitos da nova informalidade causado pela flexibilização das relações de trabalho, e dos efeitos da reestruturação produtiva e do ajustamento estrutural mundial que afetou diversos países do globo desde os anos 90. Esta questão é uma variável fundamental na pesquisa em que Vaz (2018) discute e documenta mais amplamente. Mas não se podem compreender todas as motivações, causas e necessidades reais que levam a diferentes tipos de pessoas a fazerem escolhas similares ou diferentes, e para isso é também preciso, como proposto neste artigo, atentar para as diferentes culturas de trabalho e histórias destas sociedades e sujeitos analisados. No caso dos dois países por ele estudados, as práticas de comercialização, além de constituírem uma modalidade considerada “*tradicional*” na forma de reprodução social das mesmas, é também interpretado pela atual intelectualidade desses países, como um modo de resistência por meio de “*tradições vivas*” e de emancipação dessas populações contra as forças excludentes do capitalismo (BÂ, 2003, LOPES, 2008; CAMARÁ, 2010; VAZ, 2018). Por isso, de acordo com muitas destas posturas consideramos que novos caminhos precisarão ainda vir a ser trilhados e novas políticas públicas, especialmente no âmbito do mundo comercial, precisam ser promulgadas de modo que potencializem um maior desenvolvimento regional, e estimulem o desenvolvimento local mais harmônico e sustentável, por meio de novos modos de incentivos para empresas informais, conforme algumas das analisadas por Vaz (2018).

Dentro deste amplo e muito sinteticamente esboçado marco contextual, se pode concluir que longe de serem extintas as velhas modalidades de trabalho informal, tem sido vigorante na sociedade contemporânea. Nesse sentido, o que se constata é que *novíssimas* modalidades de trabalhos informais vêm emergindo, enquanto algumas das mais antigas também vem se transformando, passando a operar como uma alternativa importante de sobrevivência para um número cada vez mais significativo de indivíduos que dependem cada vez mais deste tipo de trabalho informal em sociedades cada vez mais globalizadas.

Mas, quem são estas mulheres afinal de contas? O que lhes é peculiar? Como vivem e o que representam para o capitalismo e suas próprias vidas na África? Quais as diferentes experiências como sacoleiras (trabalhadoras informais), vindas da Angola e Guiné-Bissau e que foram estudadas por Vaz (2013; 2018)? Elas são mulheres que se deslocam para cidades de São Paulo, Dubai, Hong Kong, Tailândia ou Singapura, e estes são os principais mercados aonde algumas delas mencionaram se dirigir, com o fim de comprarem uma ampla diversidade de produtos de consumo rápido. Entre os principais produtos adquiridos, especialmente as que vem mais para o

Brasil estão os diferentes tipos de produtos têxteis, cabelos naturais, perfumes, cosméticos, roupas íntimas (lingeries), sapatos e sandálias havaianas, eletroeletrônicos, entre muitos outros.

Das que vem ao Brasil, estima-se que diariamente dezenas de mulheres angolanas e guineenses tem adensado o intenso comércio do Brás⁶, onde os (as) compradores (as) com propósitos diversos, salientam esse mercado. Outro dado interessante foi observar que essa circulação de “sacoleiras africanas” varia diretamente de acordo com o das oscilações cambiais do dólar (moeda estrangeira), corroborando, em determinadas conjunturas, para o maior aquecimento desse grande mercado de rua e compras em diversas lojas da região, situada principalmente no entorno no largo da concórdia. Paralelamente a isto, observa-se uma clara diminuição das demandas por parte das sacoleiras, quando há valorização da moeda real resultante das oscilações cambiais. Isto obriga as sacoleiras a direcionarem suas estratégias para outros mercados periféricos que tradicionalmente ofertam produtos à preço de baixo custo, considerados como mercados que não são tradicionais do capitalismo central, apontado por David Harvey (1992) como espaços do capitalismo periférico (Dubai, China, Singapura, ou Índia). Estes são tidos como mercados com preços baixos, que permitem ao comprador turista um retorno financeiro.

Observa-se que há um mecanismo da lógica nessa relação de causa e efeito entre as sacoleiras e os mercados por elas escolhidos, que faz com que, quando sobe a moeda real (brasileira) e cai o dólar (norte-americano), elas preferem ir para outras regiões do mundo que apresentam preços baixos dos produtos que estruturalmente respondem as necessidades das economias “periféricas” e/ou com populações de baixo poder aquisitivo. Dito de outra maneira, são esses os mercados que além permitir maior acesso da população à mercadoria, flexibilizam a distribuição destas, por apresentarem alto nível de tolerância. Constituindo assim espaços característicos de circuitos inferiores, como característica de mercados populares.

O comércio do Brás e os demais mercados populares, à exemplo de 25 de Março, se constituíram nesta pesquisa como espaços característicos de circuitos inferiores de economia capitalista, e não obstante são considerados os maiores destinos de turistas compradores que procuram artigos baratos e outros serviços informais. Alguns serviços expostos no largo da Concórdia (Brás), por exemplo, reacendem discussões sobre migração e trabalho na urbe paulista: a respeito da informalidade, ambulantes africanos e a fiscalização policial. Esses são outros agentes do co-

⁶ Bairro do Brás conta com diversas ruas de comércio popular para compras com preços mais econômicos na cidade de São Paulo. É conhecido pela conglomeração de uma vasta diversidade cultural. Situado na zona leste de São Paulo, a região cresceu e se desenvolveu com a chegada dos imigrantes italianos, e mais tarde com os imigrantes nordestinos. Atualmente é tido como um dos principais centros comerciais populares, “um cenário a céu aberto”. Na década de 1990 ampliou-se a sua heterogeneidade cultural, incluindo comunidades africanas que compõem uma das partes dos agentes sociais (sacoleiras, guias e trabalhadores manuais) do bairro, permeado por traços de solidariedade e de preconceito, de receptividade e de segmentação do espaço produtivo, de estabilidade e de exclusão.

mércio que têm visão de mundo diferente sobre (in)formalidade, e que escolhem a capital paulista como lugar do destino fixo. Mas, a tese de Vaz se incumbiu de estudar aqueles estrangeiros que chegam hoje e amanhã partem para seus países de origem, cujo aparato estatal e/ou policial é mais tolerante sobre informalidade.

Os dados obtidos nessa pesquisa de campo permitem compreender o *know how* desse mercado, não só a partir de relatos de sujeitos da pesquisa, mas também através de observação que permitiu concluir que o trabalho informal se constitui como elemento central deste tipo de economia, que vem ganhando ressignificâncias em decorrência de surgimento de novas estruturas.

A atividade informal realizada por sacoleiras africanas é uma modalidade nova de trabalho informal e comercial, até então invisível e pouco reconhecida pela literatura, especialmente nos países africanos. É um tipo de atividade fortemente arraigada ao passado e as tradições milenares de atividades comerciais das culturas africanas. E por sua dupla inserção, com um pé no passado e outro na modernidade a consideramos ser esse fenômeno anfíbio, e estar simultaneamente arraigado tanto a esse passado cultural africano, que o re-atualiza de modo diferente, como ao de um fenômeno de fato novo e emergente, resultante do atual momento histórico, por sua característica tão peculiar de comércio sendo exercido trans-nacionalmente. Também é um fenômeno novo, dado o tipo de relações que estabelece e pelo modo como se engaja e atua no sistema de circulação de mercadorias do capitalismo moderno e muito mais globalizado, essencialmente também pela rede de mercados distintos que passa a conectar os circuitos informais no que estas atrizes sociais estão inseridas.

A atividade comercial das sacoleiras que atravessam fronteiras internacionais, combina, por isso, velhas e novas experiências de trabalho e subsistência. Acreditamos que elas também têm exercido uma função de estimular o surgimento de novos modos de força de trabalho, tais como: guias turísticos de jovens africanos que as orientam nestes países e mercados, trabalhadores manuais, trabalhadores africanos que atuam no ensacamento e embalagem de produtos têxteis e de confecções, comprados por sacoleiras que serão transportadas para o mercado africano via agência transportadora. Tudo isso numa época em que o ato de se trabalhar formalmente tem sido reduzido tão drasticamente em todo o mundo,⁷ e na África de modo muito mais contundente por diversos motivos, dentre os quais as instabilidades de ordem política, democrática e conflitos políticos militares. Estes aspectos podem ter influenciado no aumento do desemprego (tanto no

⁷ A crise no sistema financeiro mundial de 2007-2008, iniciada nos EUA, precipitada pela falência do tradicional banco de investimento estadunidense Lehman Brothers, que gerou efeitos coletáveis da globalização.

Disponível no: https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_econ%C3%B4mica_de_2007%E2%80%932008, acesso em: 05 de fev 2019.

público quanto no privado), e no processo de deslocamento forçado de jovens para os centros urbanos, influenciando nestes tipos de atividades que vem crescendo sem precedentes na estrutura econômica desses países que já encareciam de empregos formais, tanto no que concerne à força de trabalho fabril, quanto no campo e ambientes mais rurais, criando cada vez mais um maior afunilamento no “setor informal”. Por tudo isso, entendemos atividades informais como as das sacoleiras como uma manifestação do tipo de trabalho que emerge na “modernidade”, e que nos lança pistas importantes para seguir pensando em seu processo de desenvolvimento (quanto no segmento das sacoleiras, e em diversos outros serviços informais). Nada tem a ver com a ideia de atraso, precariedade e/ou subdesenvolvimento.

Elementos paradoxais importantes deste processo de transformações pelas quais passa o mundo do trabalho têm sido, como mencionado, o da maior flexibilização das formas do trabalho. Exemplo importante disso é o caso aqui analisado das sacoleiras, que se mobilizam e se conectam a diferentes regiões do mundo. Elas se dirigem desde a África, para outras cidades industriais e comerciais cuja circulação de capital é maior, como as já mencionadas de São Paulo (no Brasil), Dubai (em Emirados Árabes), Pequim (na China), e Singapura (Cingapura), comumente conhecidos por serem cidades com maior poder atrativo de produtos vendidos no atacado e varejo. Além do mais, nessas grandes cidades industriais e comerciais encontram-se múltiplos serviços com diversidade muito ampla de tratamentos estéticos, produtos os quais estas africanas têm mostrado especial interesse em adquirir, influenciadas que ficam ao assistirem telenovelas do Brasil ou outros programas da televisão, cinema e revistas internacionais de moda ocidental.

Informações importantes sobre como elas são positivamente percebidas e esperadas no Brasil podem ser percebidas na oferta feita por gerentes de acomodações hoteleiras em que muitas delas costumam se alojar nos seus trânsitos para efetuar compras. É comum as sacoleiras africanas merecerem atenção exclusiva e redobrada, pela quantidade dos produtos e valores comprados e por serem boas pagadoras [...] “conhecidas por sua honestidade, nunca deixam nada por pagar. Ao contrário, logo que chegam a São Paulo, deixam as diárias de hospedagem completamente quitadas, para não caírem na tentação de gastar mais”, afirma Teresinho Junior - gerente e supervisor do Hotel Vitória, no Bairro do Brás (segundo a versão do gerente do hotel que provavelmente reproduz o discurso fornecido pelas próprias hóspedes sacoleiras ou muambeiras africanas) (VAZ, 2013, p.202).

O juízo moralmente positivo é confirmado pelo supervisor (Fausto) da loja Paraná, um dos estabelecimentos mais procurados pelas compradoras. Ele mal esconde a satisfação com os lucros que elas lhe trazem: “mesmo em tempo de crise, como a de 2008, as africanas continuavam a comprar chinelos na minha loja”. Ele nota que elas chegam muito influenciadas pelas no-

velas brasileiras. “Os chinelos que elas pedem evocavam temas dessas novelas (como era o caso de *Caminho das Índias*, nome de uma novela televisiva muito popular à época), mas procuram também os logotipos das seleções de futebol”. Afirma Teresino Junior - gerente e supervisor do Hotel Vitória, no Bairro Brás - São Paulo (VAZ, 2018, p. 131).

Reconhecidas como boas pagadoras e *empoderadas*, as “sacoleiras” africanas atraem os olhares dos legistas e gerentes dos hotéis nos arredores do comércio de Brás, mas não necessariamente pelas suas características fisiológicas, ou vestimentas, mas pelas quantidades e qualidades dos produtos demandados, sendo que na maioria das vezes elas compram apenas os lançamentos, e raramente peças repetidas, por isso é notório durante a observação de campo, o atendimento exclusivo de um número maior de vendedores no entorno de uma só sacoleira.

Conforme abordado, esta perspectiva da internacionalização deste tipo de circuito comercial, mobilizado pelo envolvimento na economia das atividades e roteiros destas sacoleiras, é que pode ser melhor visibilizado como um tipo de atividade do mundo da informalidade. Esta tem passado a dispor de novos significados e existência maior, se a compreendermos mediante uma ampliação dos processos socioculturais, e essencialmente nos tempos da globalização e das economias das trocas simbólicas, que faz com que alguns artigos fabricados em certos países ganhem maior notoriedade e projeção através das forças mediatizadas que legitimam os grupos dominantes. (BOURDIEU, 1974, p.137).

Pelo simples fato delas estarem dispostas a atravessarem novas fronteiras, e entrar em contato com outros valores, costumes e modos de vida diferentes de outros países, mesmo sem o almejar, outros conjuntos de trocas culturais e manifestações civilizatórias passam a ocorrer. Também há os elementos para os que se precisa igualmente estar atentos, que marcam não apenas as subjetividades das sujeitas em estudo, como do tipo de relações e impactos que vão deixando no seu trilhar, nos novos países de destino. Elas carregam consigo os seus próprios modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar, os quais passam a ser contrastados e comparados por elas e os que com elas interagem, aos modos de outras culturas dentro deste ampliado e cada vez mais complexo processo de globalização (IANNI, 1996, p.140).

Nessa direção, o estudo de Vaz também ilustra como, apesar de distantes de seus países, elas os trazem consigo e continuam vendo o mundo desde sua ótica cultural dos países de origem, e como também por seus contínuos trânsitos, entram em contato com valores distintos, estimulando com sua presença e compras em grande escala, outras trocas de mercadorias, promovendo maior sincretismo cultural entre pessoas destes diferentes países pelos que elas transitam, participando e fortalecendo comunidades étnicas de africanos em São Paulo, onde elas são vistas consumindo os mais variados tipos de quitutes e alimentos aos que já estão habituadas, prepara-

dos por africanos residentes nesses países, e que são vendidos e oferecidos em mercados como o do Brás - o preferido para a maior parte de suas compras e onde maior parte da pesquisa fez sua observação participante.

Dado que nem todas as sacoleiras e respectivas clientelas na África tem demasiadas poses e capital de giro inicial, muitas delas declararam encontrar em mercados como o do Brás uma ampla variedade de produtos para todo tipo de gostos e a preços, considerados pela maioria delas de valores razoavelmente baixos quando comparados diretamente aos de outras lojas locais em seus países onde os irão revender. Estas mulheres tendem a ser muitas vezes confundidas ou associadas ao seu papel ou registro migratório, nos seus passaportes, como “turistas”, ou por serem consideradas “consumidoras e compradoras vorazes” de mercadorias produzidas ou vendidas nestas cidades. Por isso Vaz (2018), ao analisar como foi sendo configurado esse cenário do comércio internacional manifestado nas experiências destas sacoleiras africanas, foi percebendo como este exemplo só veio a confirmar a afirmação feita por Zygmunt Bauman (1999), de que a sociedade contemporânea (moderna ou pós-moderna), tem hoje pouca necessidade da força de trabalho industrial, e que por conta disso desloca boa parte dos seus membros a desempenharem cada vez mais outro tipo de papel: o de consumidores (especialmente em atividades de setor terciário). Este é claramente o caso aqui destas “turistas compradoras”, que ao virem na procura de artigos que lhes foram demandados pelas suas clientelas, não se caracterizam primeiramente como consumidoras, e só depois como vendedoras dessas mercadorias, as quais são colocadas em um segundo momento a circular de novo, sendo ofertadas aos consumidores finais das vendedoras.

Nestes diversos processo de negociações comerciais, de suas muitas compras e vendas de produtos, é que podemos pensar que estão eximidas (excluídas) de operar exclusivamente como consumidoras finais. Por isso, a sua posição em relação ao fabricante dos produtos adquiridos é a de estimulá-los em muitos dos casos a criarem novos produtos preparados especialmente para este tipo de compradora, a partir das mercadorias que elas mais procuram e demandaram em vindas anteriores. Por um lado, e numa certa aposta de que elas irão consumir outras vezes e voltarão a colocar em circulação novos produtos, ao retornarem aos seus lugares de origem, espalhando-as por sua vez, em outros contextos onde atuam, mas lá como vendedoras e não mais consumidoras vorazes. Daí que atividades comerciais como essas executadas pelas sacoleiras, assumam a função de exercer um papel importante no rol da divisão sócio-internacional do trabalho, e na era da globalização atual, mesmo quando ainda continuem sendo consideradas por muitos como um substrato de economias subterrâneas.

O principal destino das sacoleiras originárias dos dois países africanos estudados na tese de Vaz (2018), como dito, se dividiu em quatro principais pontos do globo: Brasil, Emirados Árabes, China e Singapura. Uma primeira questão que foi erguida frente a esse dado foi a de buscar explorar e compreender melhor quais as razões dessa segmentação, e de buscar encontrar algumas pistas para entender esses resultados, empírica e teoricamente. Outra pergunta feita diz respeito ao que faz com que uma parte destas mulheres escolha vir ao Brasil, e outra prefira ir para os Emirados Árabes ou China? Mas, outras questões mais específicas, que guiaram este estudo foram: É possível dizer que as sacoleiras com maior poder aquisitivo se dirigem para os Emirados Árabes e China, e as menos aquinhoadas são as que optam por vir mais para o Brasil? Qual é a posição dentro da estrutura social de classe ocupada pelas sacoleiras desta pesquisa? É sua condição social e de classe que afeta a escolha de rotas de suas viagens e viabiliza, ou não, a diversificação de percursos entre algumas delas? Quais produtos elas compram no Brasil e quais os buscam em outros países? A respeito dos consumidores: quem são a clientela destas mulheres em seus países de origem? E porque preferem produtos importados aos nacionais? Será que existem produtos similares em seus países de origem? E no que refere ao mercado internacional de mercadorias, surgiu a questão: Qual é a posição hierárquica na pirâmide social que as sacoleiras ocupam na divisão-sócio-internacional do trabalho global que elas realizam?

Como é que as mercadorias compradas por sacoleiras africanas são redistribuídas na economia da informalidade, no lugar de compra dos produtos no mercado brasileiro, e como chega ao seu destino final nos países de origem dessas sacoleiras na África? E o que é que finalmente diferenciaria a “sacoleira” africana de outros tipos de trabalhadores informais locais, a exemplo de quitandeiras (ou quituteiras), ou as *bideras* (revendedoras) de peixe, na África? E que motivos levam as revendedoras de mercadorias adquiridas a preterirem mercados africanos ao de determinados mercados internacionais, tais como São Paulo, Dubai, Pequim, Hong Kong, e não Argentina ou México?

Essas foram apenas algumas das questões mais gerais da investigação e que contribuíram para aguçar o modo de seguir este fenômeno e guiar a reflexão nesta pesquisa. Sem pretender responder todas neste único artigo, e já que isso foi abordado em maior detalhe na pesquisa doutoral aqui sendo descrita, de que apenas alguns dos resultados mais relevantes serão trazidos, o que privilegiaremos neste artigo é a de trazer com mais profundidade a posição social na divisão sócio internacional do trabalho (e de trabalho socialmente combinado), que inclui a atividade realizada por essas trabalhadoras a partir das atividades que elas realizam em todo processo de trabalho.

Para responder a maior parte dessas perguntas, a pesquisa partiu de metodologia qualitativa e de teor etnográfico, e da coleta de entrevistas semiestruturadas realizadas, entre os anos de 2015 e 2018, para 15 (quinze) sacoleiras, 7 (sete) oriundas de Angola e 8 (oito) de Guiné-Bissau. Também foram entrevistados 3 (três) agentes de hotéis localizados respectivamente nas ruas mais próximas, onde essas sacoleiras costumam se hospedar, perto do mercado do Brás e por onde faziam maior parte de suas compras. Com idades variando entre 25 e 45 anos, o perfil das mulheres desta pesquisa tem sido composto por metade de mulheres guineenses e outra de angolanas, e cuja escolha foi efetuada através de um critério aleatório no acionamento dos primeiros contatos com a intenção de entrevistá-las pelo tipo de atividade informal por elas desempenhadas, sem estabelecer previamente nenhuma exclusão a partir de suas características físicas, étnicas ou de “classe social” como critério de seleção desses sujeitos, a não ser apenas o do gênero feminino. Todas as entrevistadas aceitaram participar da pesquisa de forma devidamente informada e consentida, antes de passarem a responder a guia de entrevista. Suas identidades foram resguardadas por questões éticas, e também porque muitas delas explicitaram temer que a exposição de suas identidades pudesse vir a prejudicá-las nas suas futuras rotinas de viagens, junto a setores aduaneiros ou hotéis onde se hospedam, ou até mesmo junto às suas negociações com fornecedores. Por tudo isso, foram usados pseudônimos, a fim de preservar suas identidades.

No que se sabe é que, embora se trata de um setor social representado por uma maioria de pessoas pouco aquinhoadas, não há relação de causa e efeito entre ser sacoleira e a classe social ou grupo étnico da pessoa, pois se trata de uma modalidade de trabalho representado por diversos povos nos países de origem destas comerciantes. Neste caso, não há a mínima possibilidade de delimitar os sujeitos da pesquisa às questões étnicas locais. Nesse sentido, se trata de uma relação de coexistência entre tradição, ter suporte financeiro para começar o próprio negócio e o *modus operandi* desse mercado. Existem sacoleiras muito ou pouco escolarizadas. De igual modo, quando observada a classe social, observa-se que existem sacoleiras com maior poder aquisitivo e outras com menos posses, mas isso não altera a ordem dos fatores. Igualmente no que concerne a viagem transatlântica, todas são tidas como sinônimo de prestígio social, decorrente do reconhecimento de um trabalho digno associado ao ofício. O que significa dizer que não há uma relação direta entre ser sacoleira e a classe social a que ela pertence ou o seu nível acadêmico. Portanto, os dados do campo obtido através das entrevistas, bem como das pesquisas voltadas para a observação no campo, são os que permitiram apontar para essa complexidade, e as motivações que levam alguém a trabalhar como sacoleira. Por isso não se pode sistematizar o perfil exato dessas trabalhadoras, embora se trata de uma parcela esmagadora de pessoas que não atuavam em “emprego formal”.

Por ser uma pesquisa qualitativa, foram aplicados questionários para um reduzido número de membros que compõem esse universo de mulheres, escolhidas aleatoriamente. Esse número de 15 mulheres e 3 agentes hoteleiros entrevistadas/os foi um volume considerado suficiente e razoável para realizar este estudo de caso. Os dados obtidos nas entrevistas começaram a apresentar sinais de saturação, devidamente identificados quando aumentaram as repetições de informações em suas falas, e de relatos com trajetórias similares, assim como pelo tipo de informações em torno dos produtos comprados que chegavam, o tipo das escolhas e/ou preferências de cidades para as compras, etc. Estas eram as questões que interessavam a essa pesquisa. Também se lançou mão de uma diversidade de técnicas para o registro de observações de teor mais etnográfico, como a fotografia, caderno de campo com anotações de modos de registro de partes mais relevantes das observações realizadas, tanto no mercado do Brás, no Brasil, como em outros mercados e lojas da África.

A maior parte das entrevistas ocorreram nos pontos nodais do comércio do Bairro do Brás, enquanto outras foram realizadas nos pontos de distribuições dessas mercadorias na Guiné-Bissau, objetivando buscar observar e acompanhar também parte do circuito e modo como eram despachadas alguns destes produtos. Cabe ainda destacar, entretanto, que Paulo Gomes Vaz vinha acompanhando de perto o cotidiano desse universo de negócios desde vários anos antes, e que sua atenção e contatos com este tipo de trabalhadoras iniciou-se ainda no ano de 2003. Algumas entrevistas exploratórias foram previamente realizadas com uma parte delas, pouco antes de 2013, para um estudo anterior (VAZ, 2013). Entretanto, se as 18 entrevistas realizadas foram a principal base de dados para refletir sobre o objeto de estudo, cabe destacar que outras foram importantes quando coletadas, fortalecendo o olhar construído, incluso a partir de resultados de pesquisa anteriores, feitas por Paulo Gomes Vaz na Unicamp, sobre trabalhadores braçais em 2011.⁸ E sobre este tipo de trabalhador braçal, cabe ainda mencionar que boa parte da análise realizada nessa tese partiu também de todo o conhecimento de Paulo como um *insider*, parafraseando Norbert Elias.

Paulo é oriundo do continente africano, natural da Guiné Bissau, como muitas destas mulheres, que tem também possuem a cor de pele escura como a delas. Sua experiência como trabalhador braçal em uma das agências transportadoras que envia produtos destas sacoleiras para a África lhe permitiu conhecer algumas delas e ter outra perspectiva mais “desde perto e dentro” (MAGNANI, 2002, p.18). Esta condição lhe deu maiores vantagens do teria se fosse apenas um pesquisador do tema. A maior familiaridade alcançada com o fenômeno, em grande medida, foi

⁸ *O trabalho Manual Africano nos Labirintos da Globalização: O caso dos Africanos em São Paulo.* (2011).

também resultado do autor da pesquisa ter trabalhado como trabalhador manual nessa região do comércio, por quase 6 meses numa agência transportadora de cargas *import export trading* (nome fictício), com a qual continuou se relacionando depois, em outros termos, em anos subsequentes. Sem ter objetivado realizar propriamente uma etnografia, ou no sentido mais amplo e tradicional do termo, sobre todo este processo e as sacoleiras africanas, o que sua pesquisa permite é ampliar a compreensão e elucidar melhor o modo como algumas dessas mercadorias chegam ao seu destino final. Parte importante desse trajeto, assim como algumas de suas principais implicações e efeitos, buscando também testemunhar em alguns dos casos, como dito, foi o de entender como se distribuem algumas dessas mercadorias aos consumidores finais.

Durante a referida pesquisa de campo, em Bissau, foram visitadas as lojas de algumas das sacoleiras conhecidas, e outras novas que as conheceu apenas ao chegar em Guiné Bissau⁹, mas que também fazem compras no Brás, completando e dando uma outra perspectiva e experiências do fenómeno. Neste novo contexto se buscou observar, sobretudo, a estrutura da disposição das mercadorias em suas lojas, para alguns dos casos, e em outros deles acompanhar a distribuição final das mercadorias e algumas de suas rotinas de trabalhos na capital guineense. Observou-se que em determinadas situações as mercadorias são comercializadas em forma de “*pronta-entrega*” para os amigos e funcionários públicos de sua rede de contatos (considerados por elas como os melhores ou “bons pagadores”), mas em outras ocasiões são as clientelas que se deslocam para as residências destas sacoleiras para escolherem algumas das mercadorias por elas trazidas.

Outro aspecto importante a destacar é que em diversas situações houve resistências por parte das entrevistadas, e que em alguns momentos demonstraram sinais de receio e desconfiança, além de certo desconforto em concederem entrevistas. Mesmo quando o pesquisador era visto, em outros momentos, como pessoa relativamente mais próxima ao dos seus universos culturais e nacionais, dada a própria origem dele como guineense, e possivelmente também pelas semelhanças biológicas e físicas, língua, “dialetos” e etnia compartilhadas, que são mais próximas às de algumas delas. Temos a língua crioula como principal ferramenta de comunicação. É uma língua compartilhada por diversos grupos étnicos da Guiné Bissau. Assim como as pessoas do grupo Geba (a mesma de um dos autores deste artigo), muitas turistas compradoras (sacoleiras) de diversas etnias que chegam à capital paulista se comunicam nessa língua, compartilhando suas experiências cotidianas. Ou seja, assim como Paulo Vaz, pertencente ao grupo étnico *Geba*¹⁰,

⁹ Durante a pesquisa de campo realizado em Bissau (capital da Guiné-Bissau).

¹⁰ Um grupo étnico cujo Buré Bas é o ancestral comum e seus membros são conhecidos como *crists de Djiba*. Oriundo de um mosaico étnico guineense, com descendência predominantemente da etnia Beafada que povoou a cidade de Geba, antes da chegada e o início da colonização portuguesa. Durante o processo de colonização, a população em sua grande maioria se converteu ao catolicismo, tendo a língua crioula como sua

bem como para os demais grupos étnicos, a língua crioula é o maior instrumento de comunicação no país e na diáspora guineense. Moema Augel (2007, p. 76) afirma que “apesar da pequena extensão do território, ali vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muito heterogêneos, com suas culturas próprias”. Pois o estudo não se atentou em levantar o dado sobre ser sacoleira e a etnia das entrevistadas. Todavia, nas conversas informais, observa-se que o universo das sacoleiras é representado em número expressivo de indivíduos que compõe quase todas as etnias da Guiné Bissau e de Angola.

Outro elemento que talvez tenha, em alguns momentos, atrapalhado o contato, é que por se tratar de um segmento de comércio informal, que ora envolve fronteiras obscuras entre o legal e o ilegal, formal e informal, ou evasão de impostos, dentre outros aspectos. Além disso, também por esta especificidade deste tipo de atividade, suas desconfianças e estranhamentos podem ter sido mais acionados e dificultado, em alguns dos casos, ir além de informar o que não fosse informações mais públicas, e o que escapasse do seu sentimento e espaços de segurança a serem resguardados.

Para avançar na construção de dados qualitativos e reflexões sobre eles, foi preciso estabelecer diferentes tipos de estratégias e modos de aproximação e contato, como por exemplo, em algumas situações as ajudar carregando seus pertences quando precisavam, e transitar com elas pelo mercado em parte de suas compras, chegando a conduzir algumas delas para lojas de compra de cartão de telefone internacional (*Africard*), para que a mesma pudesse ligar para os seus familiares e coletar informações frescas sobre sua filha recém-nascida. Para além de muitas outras situações compartilhadas como essas, o ponto que permitiu e facilitou maior aproximação e empatia, como dito, foi o fato do pesquisador ser identificado como uma pessoa comum e “nativa” ao desse grupo de mulheres, e da mesma nacionalidade da metade delas.

Portanto, alguém em quem elas podiam confiar mais, posto que não era uma pessoa totalmente estranha. Já que além de ter trabalhado na agência transportadora de cargas, vários anos antes, ao fazer questão de manter esse contato ativo com muitos dos membros que continuaram conectados a essa agência transportadora, inclusive seu gerente nesse empreendimento comercial e mesmo nas redondezas desse comércio, não era estranho o pesquisador ser visto na companhia do proprietário da agência, com alguns dos seus administradores ou com trabalhadores manuais. Porque afinal, além de ter ficado fascinado pelo modo de operar do comércio popular e pelos preços de baixo custo ofertado, à semelhança de muitos outros consumidores que frequentavam o local, também o pesquisador era visto como consumidor e como um trabalhador, conterrâneo,

língua falada (mistura entre línguas locais e portuguesa, sendo que a parcela significativa dos termos é de origem das línguas beafada e mandinga.

colega e amigo. Considerando também que o Brás era um dos lugares prediletos de ócio e distração deste pesquisador, ao que ia com frequência durante seus anos de estudos na cidade e novas visitas com muitos de seus amigos e colegas universitários e não universitários. Para todos seus conhecidos, de forma unânime, o Brás não era apenas o lugar do comércio, mas também um espaço ideal de lazer e convívio com outras culturas, pois estar nesse ambiente era como uma espécie de “*válvula de escape*”, mesmo se tratando da vida nervosa da grande metrópole paulista. Portanto, havia uma atmosfera favorável que colocava e fazia ao pesquisador voltar sempre aquele cenário apropriado por diversos enclaves étnicos: o dos africanos, peruanos, chineses, coreanos e a dos nordestinos (brasileiros) considerados como os de maior expressão nesse mercado.

Por tudo isso, a relação do pesquisador com o seu objeto de estudo lhe permitiu participar e comunicar melhor com “suas sacoleiras” em todas as circunstâncias, tanto como conterrâneo africano, como trabalhador do ramo, quanto como pesquisador. Estas diferentes posições ocupadas por Gomes Vaz exigiram-lhe estabelecer diferentes tipos de estranhamentos e aproximações, aquelas que lhe impunha a ciência, e que ingenuamente acreditava ser lhe exigido pela sua busca de seguir certo rigor mais acadêmico. Ou seja, era ter que necessariamente “distanciar-se mais criticamente” do seu objeto de estudo, deixando transparecer a sua função de interlocução com os sujeitos de pesquisa. E enquanto investigador, Gomes Vaz vivenciou a contradição e conflito dessa dupla situação vivida por ele nesse universo: o de por um lado o lugar do sujeito engajado (estabelecido) que aspirava aquele clima do trabalho, tido por parte das sacoleiras como um sujeito próximo (*insider*), porém, ao mesmo tempo, tomado por outra parte delas como um elemento também de fora (*outsider*), um intruso que assumiu jogar o papel do pesquisador, ao querer entrevistá-las, porque reconhecia não conhecer tanto essa realidade e vida delas, e portanto, um intruso, uma pessoa passível de gerar e despertar em algumas delas desconfianças.

Assim, após ter trazido e sintetizado rapidamente os principais passos e etapas realizadas nesta pesquisa, desejamos agora buscar responder especialmente a seguinte pergunta: Estariam as sacoleiras atuando à serviço do capital?

No capítulo quinto da tese de Paulo Vaz é onde se recuperou a análise e compreensão deste estudo de caso numa discussão mais ampla sobre os impactos que uma “globalização popular” exerce, bem como suas influências na produção e circulação de mercadorias produzidas no sistema capitalista contemporâneo a partir de uma perspectiva de baixo para cima, e uma que opera nos circuitos inferiores da economia e diversos enclaves étnicos. E concluiu-se que existem duas faces e tipos de globalizações distintas, o de baixo (o dos circuitos inferiores da globalização), e a de cima, sendo que o de baixo é aquele mais explorado por pessoas com menores recursos financeiros na busca de consumo de bens não duráveis, que cria outros circuitos e trajetos

diferentes aos de uma globalização de cima, e sem o qual muitas dessas mercadorias não estariam disponíveis e poderiam chegar para camadas mais vulneráveis de qualquer sociedade. Nesse sentido, o papel importante desempenhado pelas sacoleiras como as analisadas nesta pesquisa é o de propiciar e ajudar a acelerar fluxos de venda e consumo de mercadorias, tanto nacionais quanto globais, interligando países e continentes diferentes, flexibilizando maior circulação de mercadorias e a venda delas em outros mercados mais distantes, estando também por isso, ao serviço do capital.

Esses aportes teóricos aplicados nessa tese nos possibilitam compreender que existem os subterrâneos da globalização, apontadas respectivamente por esses autores como globalização baixo custo (MATHEWS et al, 2012.a), globalização popular (LINS RIBEIRO, 2009) e circuitos inferiores da economia (SANTOS, 2008). E essa parte “popular da economia” tem o seu *modus operandi* dentro dessa totalidade. Pois os seus agentes e suas demandas não estão deslocados um do outro, porque suas forças de trabalho são interdependentes, e também as mercadorias por elas transportadas se constituem como partes integrantes da globalização econômica. Dito de outra maneira, esses autores acima citados conceituaram a maneira como é construído social e economicamente o movimento contemporâneo da globalização redesenhada em dinâmicas geográficas específicas da economia mundial, mobilizada por populações muito concretas e específicas com condições econômicas reduzidas, e cujo objetivo é o de comprar artigos em certas regiões do globo onde o custo de produção e força de trabalho são mais baratas e, por conseguinte, os artigos ofertados nesse mercado são também considerados de baixo custo, quando comparados àqueles circuitos maiores da economia. Esse movimento ao redor do globo por esse mercado reflete a centralidade do sudoeste asiático na economia da globalização de “baixo custo”. Muitas sacoleiras direcionam suas viagens para mercados e shopping centers que têm centros de informática onde se pode comprar artigos a baixo custo, e que também encontram réplicas (imitação). Em muitas das circunstâncias o turista comprador pode equivocadamente comprar um artigo de baixo custo, acreditando que seja original, quando na realidade é uma réplica.

Durante essas viagens, as sacoleiras procuram se hospedar nos hotéis próximos à área de comércio popular, de modo a facilitar o ir-e-vir e/ou locomoção dos artigos comprados. Em Singapura os *hoteis Ibis, Hotel 81; Hotel YMCA; Bencoolen; New Chagi e Hotel Suoreme* são os pontos nodais que lhes permitem se hospedar e ter acesso mais prático a lojas de eletroeletrônicos no *Sim Lim Square_small* em Singapura. Segundo a sacoleira Nzinga, “na sexta avenida há um restaurante brasileiro muito frequentado também por outros estrangeiros falantes de língua portuguesa” (muitas africanas vão também à esse restaurante a procura de tradutores, e é nessa redondeza também que perambulam os demais estrangeiros em “divisão social de traba-

lho”). Uma realidade que está longe de ser a “*sociedade de esquina*” analisado por William Foote Whyte (2005), sobre a fictícia cidade de Cornerville (North End), tomada por complexo jogos de interesses compartilhados entre os gângsters em atividades ilegais, “honestas” e outras atividades moralmente condenáveis. O caso das sacoleiras africanas, tanto em São Paulo, em Singapura, como em Guangzhou se dá numa intrincada relação social construída em espécie de “*sociabilidade mobilizável*” (reciprocidades e comprometimentos).

Nesse conjunto complexo de temas, problemas e dilemas que afetam o mundo globalizado de hoje, como foi mais detalhada e amplamente aprofundado na pesquisa de Vaz (2018), o exemplo das sacoleiras reacende a polêmica sobre qual o “jeito de ser do comércio africano” e a informalidade, superando até as fronteiras entre os circuitos superiores da economia aos circuitos inferiores desta mesma, ou se preferir, a dos chamados “*superguetos*” no seu interior, cujo único propósito é o de espalhar as mercadorias para os diversos públicos nos seus países de origens, tanto os clientes mais, como os menos “aquinhoados”. Como se observa no relato da guineense Odete, que contou a participação da irmã para iniciar o seu negócio (VAZ, 2018, p.173):

Sou separada, e vivo com os meus três filhos, dois meninos rapazes e uma menina, mas o pai deles é um pai presente, sempre participa da vida dos filhos. Mas, então comecei a fazer *bida* (comércio) com a minha irmã, mas sempre no carnaval naquele espaço do Verbenha de Bairro de Ajuda, conhece? Então todos os anos vendíamos bebidas e comidas. Mas em 2010 comecei a levar a coisa mais a sério, fui pra Senegal comprar roupas para artigos e vendia aqui. Depois juntei a minha parte do dinheiro com a parte da minha irmã e fui para o Brás, em São Paulo, e como não tinha muito dinheiro, fui pra comprar coisas específicas como cabelos, havaianas e roupas íntimas femininas, que vende rápido. Antes eu saía de porta em porta na vizinhança para avisar sobre os modelos de roupas que eu estou a vender, mas desde que as pessoas agora começaram a usar muito *facebook* e *Whatsapp* comecei a atualizar as novidades e as pessoas compartilham nas suas páginas. Eles mesmos me ligam para pedir coisas. Hoje todo mundo está conectado na internet. Hoje não preciso ter um ponto fixo para vender minhas coisas, e também eu informo os tamanhos dos vestidos, a numeração de chinelos e tudo. Tenho até clientes que não compram roupas nas lojas do centro da cidade, e só compram as minhas coisas. Aqui em Bissau o número de usuários de internet ainda é bem pouco, comparado com outros países, mas mesmo assim eu consigo vender. E ainda consigo fazer o meu curso de informática.¹¹

A contribuição de parentes para dar o seu primeiro passo no negócio é uma realidade muito comum na história de vida de sacoleiras de diferentes nacionalidades. Algumas iniciam com um “empurrão” que lhes permitem dar um salto maior nas compras possibilitando-lhes maior retorno financeiro, como é o caso da Angolana Nzinga (VAZ, 2018, p.117):

(...) sou comerciante em Luanda, tenho minha loja que fica ao lado da minha casa, e que funciona há uma década, eu já sei dos países e sítios que me proporcionaram boas peças de roupa, um bom preço de cabelo, chinelos, lingerie etc. Vou a *Dubai, Istambul, Cingapura, Hong Kong e São Paulo*. São nessas cidades que eu prefiro comprar as minhas coisas. A Singapura e Hong Kong têm muitos acessórios, eletroeletrônicos, roupas, em Dubai tem eletroeletrônicos,

¹¹ (Odete, guineense, 47 anos. Entrevista realizada em Bissau em 16/01/2018).

acessórios e carros muito baratos porque os produtos não têm impostos, ainda tem os passeios e restaurantes de luxos, mas que não são nada baratos, mas pra quem quer curtir a vida vale pelo menos um dia de princesa (...). **O meu lugar não é na cozinha, é onde eu quiser. Posso trabalhar em qualquer lugar basta eu querer.**¹²

É nessa engrenagem e estratégias de comprar nos diversos perfis de lojas que respondem às expectativas das suas clientelas que as mulheres “encurtam” as distâncias fazendo suas viagens transatlânticas como se fossem daqui para ali, numa demonstração incrível da aceleração do tempo que as novas tecnologias do transporte permitiram, banalizando uma prática antes carregada de solenidade e perigo.

Daí também é importante destacar que, se muitos dos estudos sobre a informalidade no âmbito laboral a tem concebido na maioria das vezes como alternativas importantes ao desemprego, o que por momentos também se aplicou ao caso de algumas das entrevistadas neste estudo, é preciso também considerar, por outro lado, que muitas das pessoas podem ter suas preferências e fazerem suas próprias escolhas, e que nem todas as alternativas de informalidade são explicadas ou reduzidas apenas ao aspecto do desemprego. No caso das entrevistadas nesta pesquisa, diversos foram os relatos que mostram que a busca pela qualidade e equilíbrio da vida pessoal é também um critério relevante, fortemente levado em conta por elas ao optarem em não querer aderir ao assalariamento, entendido por algumas como uma forma de “alienação do trabalho”.

Ficou evidenciado em vários momentos da pesquisa, que as situações em que muitas sacoleiras preferem se estabelecer nos segmentos informais são aqueles que elas escolhem por serem os mais rentáveis, do que, por exemplo, as outras atividades para as quais estariam melhor qualificadas e que eram as que poderiam *a priori* ser exercidas por algumas delas no setor formal. Como afirma Mariana, ao narrar a história do avô, a quem se inspirou para seguir no setor de comércio. Para a mesma “ (...) ele sempre teve a sua vida tranquila. Até bem melhor que muitos trabalhadores da função pública. Acho que isso ele passou para nós”. Assevera Mariana (VAZ, 2018, p.172):

Eu estudei na escola particular, mas eu sempre gostei de trabalhar com comércio e fazer as coisas que eu gosto. Gosto de ter a minha liberdade, o meu avô tinha duas lojas, uma pequena aqui mesmo, perto da minha casa e a outra na feira de praça (...), eu não consigo trabalhar com outra coisa senão com o comércio. Hoje tenho o meu carro, já comprei o meu terreno para construir a minha casa própria.¹³

A situação da comerciante Mariana se enquadra como a daquele tipo de sujeito que ganha a vida fazendo o que lhe dá prazer. Por isso que antes de seguir pensando se a melhor solu-

¹² (Sra. Nzinga, comerciante angolana, 39 anos, entrevista realizada em 04/11/2016).

¹³ (Mariana, guineense, entrevista realizada em Bissau, 15/01/2018).

ção para elas seria reinseri-las no mercado formal e deixar para trás o setor de informalidade que atuam, é preciso saber de antemão: o que querem e buscavam mesmo estas sacoleiras africanas? Será que todas elas realmente prefeririam fazer esse tipo de transição, de poderem decidir por isto? Na visão de muitas das nossas entrevistadas, empreender de forma autônoma neste novo ramo de atividades (novo para umas, mas não para todas, já que algumas só faziam colocar em prática o que parecia ser um ofício familiar e milenar), foi claro perceber em algumas de suas narrativas o quanto de maior liberdade e equilíbrio emocional lhes proporcionava a algumas delas para lidarem e melhor integrarem várias outras demandas de suas vidas pessoais (e obterem uma maior qualidade de vida). E, em muitos dos casos, boa parte da família se beneficia e depende destas atividades, visto que elas são uma das mais importantes investidoras e empreendedoras, mas em outros casos, pode ser resultado de todo um negócio e empreendimento familiar. Isto nos leva a pensar que o trabalho assalariado (formal, na relação estabelecida entre patrão e empregado), é o que poderia em muitos dos casos, ser o que mais carrega fardos de frustração e alienação, que somados ao da escassez de tempo livre, poderiam levantar novas perguntas e hipóteses a analisar. Contudo, é igualmente inegável e incontáveis o número de casos de sujeitos que estão na informalidade por simples falta de alternativas melhores, conforme foi analisado ao longo da pesquisa em contextos sociopolíticos dos dois países estudados. Esses são fatores estruturais que não podem ser de modo algum desconsiderados. E tendem a ser parcelas significativas dos casos daqueles que se encaixam e se reconhecem como vítimas do processo de reajustamento estrutural.

Visto que em muitas sociedades em desenvolvimento, uma parcela considerável de pessoas depende das atividades antigas para sobreviver e/ou ascender socialmente, levando em conta que nem todas as sacoleiras sejam oriundas da mesma classe social. Algumas mais “privilegiadas” e outras nem tanto, ou menos, todas elas podem e devem ser identificadas como uma “nova classe de trabalhadoras” cujo ofício se constitui como uma modalidade digna de reconhecimento, resiliência e passível de criar em torno dela maiores estratégias de *empoderamento* (de mulheres que as praticam e das comunidades que delas se beneficiam). Não obstante, o termo “sacoleira” socialmente desaparece quando elas regressam ao lugar de partida, seja em Angola ou na Guiné-Bissau, onde muitas delas são donas de lojas, ou microempresárias, já não mais identificadas ou reconhecidas como “sacoleiras”. Por tudo isso, o observado neste estudo se refere a uma espécie de *proto*¹⁴-empreendedoras autônomas, que se constituem como um fenômeno que vem ganhando maior notoriedade através de práticas antigas (velhas) do trabalho em novas estruturas do mercado nos tempos da globalização, mobilizada por pessoas de diversas nacionalidades com

¹⁴ Exprime a ideia de primeiro, anterior.

propósitos centralmente socioeconômicos. Nesta direção, o que as turistas compradoras africanas, denominadas de “sacoleiras”, estão apresentando é a peculiaridade da persistência e revitalização dessa prática antiga de trabalho que permanece até os dias atuais e adota agora novos contornos.

E, a partir da realidade desses dois países africanos estudados, concluímos que as experiências de trabalho empreendida pelas sacoleiras se constitui a partir de uma lógica de informalidade histórica, que se perpetua há milhares de anos e é compartilhada entre muitas sociedades africanas. A este respeito, analisando os resquícios das atividades tradicionais, por exemplo, como é o caso dos chamados *lumos*, na África ocidental, fica mais evidente que a questão de informalidade no imaginário social das sacoleiras e dos consumidores finais não é falta de profissionalismo ou desorganização, trata-se em verdade muito mais de uma manifestação cultural concebida e compartilhada pelos membros dessa totalidade como um novo “tradicional organizado”. Por isso, quando se fala de (in)formalidade, é importante saber, afinal, qual tipo de informalidade se trata e desde onde o estejamos fazendo. Porque a classificação depende dos locais e das sociedades nas quais os diferentes eventos e casos analisados ocorrem, e de acordo com seus níveis de tolerâncias ou não.

Considerações Finais.

A pergunta central desta pesquisa refletiu sobre a hipótese da qual partimos, de que embora o trabalho das sacoleiras representa uma forma de acumulação do capital, ao adentrarem nessa rota transnacional de compra e venda de produtos, não pode ser este fenômeno explicado apenas por sua função à acumulação do capital. E elas fazem isso “sem significar novos custos” para o capital (industrial), compondo o substrato participativo, que é também invisibilizado daquele núcleo (normativo e paradigmático) da pirâmide global denominada de cadeia global de *commodities* (GCC) – um processo usado pelas empresas para reunir recursos, transformá-los em bens e, finalmente, distribuí-los aos consumidores. E ainda quando seja inegável elas exercem também essa função, ao operarem também como conectoras e parte importante das veias do próprio processo de “recirculação” de mercadorias em novos mercados, no que refere a esta esfera mais voltada à comercialização dos produtos e mercadorias que foram anteriormente criados no âmbito da produção. Assim elas estão retroalimentando por isso a acumulação final do capitalismo, sua função não se reduz a esse aspecto passivo desta atividade, mas tem também um criativo e cultural.

Pois, quando o nosso foco de análise privilegia refletir sobre este estudo de caso desde a perspectiva e as subjetividades das mesmas sacoleiras, novos campos interpretativos e significados se abrem, e precisam também ser melhor levados em conta. Nota-se que a função que lhes incumbe não parece estar reservada apenas ou fundamentalmente voltada a elas para permitir a realimentação da circulação do capital. Pelo contrário, para muitos as sacoleiras imprimem neste tipo de atividade uma atualização e renovação de velhas tradições culturais e modos de ser do trabalho no continente africano, que denotam essa velha tradição que ainda hoje é tão vívida nos diferentes mercados africanos e no tipo de trocas realizadas no comércio retalhista, expressado na economia contemporânea como estratégias de sobrevivência destas mulheres e comunidades africanas, e que agora passam a se inserir e competir pela sua presença e participação na expansão dos mercados internacionais de produção de mercadorias capitalistas. Nesse processo, elas (sacoleiras), impulsionam diversos agentes econômicos, desde os circuitos superiores aos inferiores da economia urbana, possibilitando os demais setores a exercerem múltiplas novas tarefas e a se inserir numa rede de relações bem mais complexas e dinâmicas.

Mas, o que lhes tornam singulares, comparado aos outros grupos de sacoleiras, de certas regiões do nordeste brasileiro, por exemplo, como aquelas que vão ao Paraná, ou das demais revendedoras vindas do Paraguai para o Brasil, é o de suas características particulares étnico-históricas e culturais, o seu possivelmente maior *know how* milenar no mundo comercial e a maior extensão e investimentos que exige participar de circuitos de compra-venda como os que elas escolhem. Pois, enquanto algumas sacoleiras brasileiras atuam na rota regional entre Paraguai-Brasil, as *bidera*¹⁵ e/ou *quitandeiras* se limitam aos espaços nacionais, enquanto as sacoleiras (sujeitos deste nosso estudo) se configuraram neste âmbito de atividades como as de um novo tipo e espécie de “sacoleiras globais”, porque exploram diversos continentes, destacadamente o mercado brasileiro (continente sul-americano), e o sudoeste asiático para abastecer o nicho de mercado em terras africanas.

Assim, ao observar e analisar o caso das sacoleiras africanas como uma modalidade nova e particular de trabalho informal, examinado simultaneamente desde uma perspectiva de análise mais macro sociológica – pela posição ocupada na estrutura de classes por esta atividade num mercado mundial de circulação e produção de mercadorias comandado pelo capitalismo globalizado atual – como desde uma perspectiva micro sociológica e antropológica – que visou buscar compreender quem são e como operam, quais seus principais significados e efeitos, e como podem ver-se e serem vistas estas sacoleiras em diferentes momentos de seus trajetos pelo

mundo, e em diferentes contextos que elas transitam (países africanos, Brasil, outros mercados, ou o mercado mundial), esta pesquisa buscou demonstrar que mesmo quando em contextos africanos e de seus países de origem elas passam a ser elementos de classes médias, mais altas e beneficiadas, pelo empreendedorismo de suas atividades que, por outro lado, isso não as exime de processos de precarização, aumento de desemprego e outras pressões criadas pelo capitalismo contemporâneo, e que também, por isso, ao realizarem seus trabalhos, estão também exercendo importantes serviços para o capital, e igualmente expostas, em muitos dos casos, à *superexploração da força de trabalho*¹⁶.

E que apesar de não contarem com as devidas atenções dos seus Estados-Nação, no que refere à falta de garantia ou leis que lhes ofereçam proteção social, obrigando-as a exercer esta atividade em situações bastante precarizadas, elas por suas iniciativas próprias de resiliências foram capazes de traçar as mais diversas estratégias e tipos de agências, construindo redes importantes de relações que amplificam e viabilizam a reprodução social das suas vidas e comunidades de origem. Caberá aos Estados tanto Angolano como Guineense implementarem mecanismos de isenção tributária, desburocratizando inclusive para emissão de alvará de comércio, regulamentando de modo a não causar prejuízo aos pequenos comerciantes, e essencialmente a de mobilizar os bancos de investimento para permitir empréstimos e conseqüentemente permitindo-lhes o mínimo de capital de giro para sustentar seus pequenos empreendimentos.

Concluiu-se, por tudo aqui trazido, e percurso mais amplo da pesquisa realizada, e respondendo ao novo chamado deste campo de estudos da informalidade ao do “reencantamento” da manifestação de um modo de trabalho tão peculiar e predominante no contexto dos dois países africanos analisados, que elas não se submetem puramente às ordens do mercado e portanto, não podem ser tratadas como simples marionetes do capitalismo, sem capacidade de agência e de trazer novos significados e conexões para o fenómeno. Para estar abertos as estas novas interpretações do estudo de caso, é preciso atentar-se para outros aspectos e dinâmicas que também operam concomitantemente, como algumas das que se tentou aqui identificar e refletir.

O que ficou claramente evidenciado nesse cenário econômico em que atuam e se movem as sacoleiras que fizeram parte da pesquisa de Gomes Vaz, é que embora o vigor do capitalismo se faz presente em muitas sociedades, o que não foi diferente nos países de origem de onde cada uma das sacoleiras provieram, esse sistema não consegue apagar em absoluto o modo como o fenómeno se desenvolve localmente, e é por isso que trazer os elementos próprios e significa-

¹⁵ Pessoa que labuta com a vida para garantir o sustento no comércio informal e/ou ambulante de hortaliças, peixes, legumes, frutas etc. Portanto, não há diferença entre essas duas categorias de trabalhadores. O que em angola se denomina de “quitandeira” na Guine- Bissau é chamado de *Bidera*.

dos que o comércio de ruas e atividades comerciais tem ao longo da história no contexto africano é tão importante, além de ser um modo de criar novas conexões que permitem compreender muito melhor esse fenômeno social, identificando algumas de suas particularidades e singularidades.

E nada disto teria sido possível sem se lançar mão de metodologia e técnicas de teor mais etnográfico que foram em grande medida a partir das quais se logrou realizar certos trajetos e chegar ao tipo de dados e conclusões que fizeram parte desta pesquisa. Tampouco teria sido possível o fazer dessa pesquisa se não tivesse ela partido do estudo de caso e do que lhe é mais singular e específico, o qual foi se revelando quando se teve acesso à perspectiva e lugar de fala destas mulheres, iluminando desde suas narrativas, e diversas experiências e pontos de vista, as de vidas de pessoas de carne e osso, às que se buscou dar-lhes voz, e des-invisibilizar no processo produtivo desta cadeia de circulação de mercadorias e nos seus distintos trajetos pelas diferentes sociedades nas que elas se movem. E estudo de caso que foi sendo melhor iluminado com o apoio da revisão da literatura feita. Ele permite-nos visibilizar mais vividamente desde as vidas e percepções destas sacoleiras, como compreender de modo muito mais ampliado alguns dos debates pelos que passam estudos sobre informalidade e sociologia do trabalho.

A atividade de muitas destas microempresárias reconhecidas como “sacoleiras”, por sua vez carrega traços de informalidade tradicional que proporciona uma reprodução social significativa dessas comunidades, construindo mais possibilidades concretas na vida da população e criando maior dinamismo na economia local e até internacional. Assim sendo, e de modo a intentar propor alternativas que visem organizar e melhorar a atuação desses agentes em sociedades africanas, acreditamos que em algum momento será necessário que os respectivos Estados-Nações de onde elas partem reflitam mais sobre este enclave laboral e que possam vir a ser criadas novas leis de proteção e garantias com mecanismos mais efetivos que busquem alinhar mais as regulamentações das atividades informais como o tem sido feito de modo muito mais sistemático com atividades laborais do setor formal, porque aí teoricamente poderiam ser construídas e criadas as condições de oferecer mais benefícios a amplas parcelas de países africanos.

De modo mais destacado, julgamos que novas políticas de incentivos ao microcrédito, e umas que visem a redução de taxas fiscais e flexibilização das formas de pagamentos precisam ser pensadas, além de criar melhores mecanismos para reduzir o modo burocratizado de operar estes sistemas financeiros, principalmente aqueles que originam os principais gargalos na hora e momentos de obtenção de primeiros financiamentos para iniciarem seus negócios. Mas para tudo isso, é óbvio que novas políticas públicas terão de ser implementadas e pensadas de modo a que

¹⁶ A Combinação da mais-valia absoluta com a mais-valia relativa por meio da intensificação na exploração da mão-de-obra cf. Ruy Mauro Marini na sua obra: *Dialética da Dependência* (2000).

os benefícios superem os custos do trabalho informal, como forma de não criar mais entraves e frustrações para diferentes tipos de atores envolvidos.

E para finalizar, desejamos fechar com o tema tratado sobre a feminização e empoderamento das sacoleiras que foi observado em muitas das narrativas e histórias de vidas das entrevistadas neste estudo, ao passar a se dedicarem a este tipo de trabalho. A partir das narrativas das sacoleiras do estudo, notabilizou-se que muitas delas revelaram importantes elementos que a literatura especializada em estudos de gênero e trabalho analisam em torno do tema de como a feminização do trabalho e empoderamento de mulheres africanas vem se dando ao passarem a transitar, circular e aprender a mover-se, ou como diria Vera Telles (2010) a se “virarem” em novos contextos e espaços socioculturais muito mais globalizados e urbanizados que os de seus países de origem. Neste sentido, a pesquisa atentou para a necessidade de nomear e reconhecer uma categoria de trabalhadores característicos das economias “em desenvolvimento” que contribuem significativamente para as economias essencialmente dos seus países. Também foi observado que é comum que muitas destas comerciantes tendam, na maioria das vezes, a ser invisibilizadas pelas estatísticas e desprovidas de benefícios sociais como outros tipos de trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AUGEL, M. P. **O desafio do Escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BÂ, Amadou Hampâté. **“Amkoullel, o menino fula”**. São Paulo: Pallas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

WHITE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: MICELI, Sergio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CAMARÁ, Samba Tenem, Lumo – **Estatuto, funcionamento e organização dos Mercados Periódicos na Guiné-Bissau – estudo de caso no lumo de Mafanco**, (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos. *ISCTE-IUL, Lisboa.2010*.

GEREFFI, Gary. Global commodity chains (Introduction). In: GEREFFI, Gary & KORZENIEWICZ, Miguel. **Commodity chains and global capitalism**. Westport / London: Praeger, 1994.

LIMA, Jacob Carlos. In IVO, Anete, B. L. (coord.). **Dicionário temático Desenvolvimento e Questão Social: 81 problemáticas contemporâneas**. São Paulo: Annablume, 2013, p. 330- 336.

LOPES, Carlos M. **Elementos sobre o comportamento de compra em mercados informais. Estudo de casos no mercado Roque Santeiro** (Luanda). Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Estudos Africanos, ISCTE-IUL, Lisboa. 2008.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do Ser Social II** - Prefácio. Tradução de Ivo Tonet, Nélio Schneider, Ronaldo Fortes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MATHEWS, Gordon; YANG, Yang; RIBEIRO, Gustavo, and VEGA, Alba (eds). **Globalization from below. The World's Other Economy**. London/ New York: Routledge, 2012.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: **Dialética da Dependência: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini**. Organização e apresentação de Emir Sader. Petrópolis, RJ: Vozes; Buenos Aires: CLACSO, 2000.

RAMOSE, M. B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. Ensaio Filosófico, [S.l.: s.n.]. Volume IV – outubro/2011. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf . Acesso em 05 de Jan 2019

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países sub-desenvolvidos**. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos; 4).

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a serviço do capital: um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2018.